

“Todo Dia Ela Diz pra Eu Não Me Afastar”: relacionamentos em dinâmicas de deslocamento

“Todo Día Ella Dice que Yo No Me Aleje”: relaciones en dinámicas de desplazamiento

“Every Day She Says I Don’t Get Away”: dynamic displacement relationships

Audrei Vieira Alencar

Resumo: este artigo objetiva compreender as dinâmicas dos casamentos em contextos de deslocamento de um dos membros do casal, pela necessidade de estudar em outro município fora daquele em que reside. Como se desenrola o casamento quando um dos membros precisa passar vários períodos fora do local onde moram? De que forma tais deslocamentos interferem nas relações? Como as concepções e identidades de gênero atuam nesses contextos? Utilizou-se a metodologia de observação e entrevistas semiestruturadas entre os interlocutores circulando no nordeste paraense, Baixo Tocantins e norte e sul do Pará. Conclusões preliminares demonstram dinâmicas de deslocamento com significativo sofrimento para a maioria dos entrevistados. Ciúme, cobranças, brigas e mal-estar são julgamentos expressos tanto pelo outro cônjuge, como entre amigos, parentes, vizinhos, com maior frequência entre as mulheres. Outras evidências: a liberdade experimentada pelos entrevistados como residentes temporários em outras cidades, supondo-se incluir relacionamentos afetivos extraconjugais e, também, o alívio das pressões dos serviços domésticos, no caso das mulheres.

Palavras-chave: Deslocamentos. Casamentos. Liberdade. Mudança.

Resumen: este artículo busca comprender las dinámicas de los matrimonios afectados por la necesidad de trasladarse a otra ciudad uno de los miembros de la pareja a causa de la realización de estudios en un municipio distinto del de residencia. ¿Cómo evoluciona el matrimonio cuando uno de sus miembros debe pasar varios períodos fuera del domicilio conyugal? ¿De qué manera dichos desplazamientos interfieren en las relaciones? ¿Cómo las percepciones e identidades de género actúan en esos contextos? Se ha utilizado una metodología basada en la observación y en entrevistas semiestruturadas a individuos de este tipo de parejas que se encuentran residiendo en el noroeste paraense, Bajo Tocantins y norte y sur del Estado de Pará. Las conclusiones preliminares demuestran que las dinámicas de desplazamiento traen un sufrimiento significativo para la mayoría de los entrevistados. Celos, controles, peleas y malestar son quejas expresadas tanto por el otro cónyuge como entre los amigos, familiares, vecinos, presentándose con mayor frecuencia entre las mujeres. Otras evidencias: la libertad experimentada por los residentes temporales en otras ciudades puede incluir a menudo relaciones afectivas extraconyugales y, también, el alivio de las tareas domésticas en el caso de las mujeres.

Palabras-clave: Desplazamientos. Matrimonios. Libertad. Cambio.

Abstract: this article aims to understand the dynamics of weddings in contexts of displacement of one of the spouses, by the need to study in another city outside of that in which they resides. How the marriage happens when one of the members need to spend several periods outside the place where they live? How such offsets interfere in relations? How the conceptions and gender identities acts in these contexts? We used the methodology of observation and interviews between actors resident in northeastern Pará, Low Tocantins River and North and South of Pará. Preliminary findings show significant shift dynamics suffering for most respondents. Jealousy, collections, quarrels and uneasiness are judgments expressed both by the other spouse, as between friends, relatives, neighbors, with higher frequency among women. Other evidence: the freedom experienced by respondents as temporary residents in other cities, assuming include affective relationships, and extra-marital, the relief of the pressure from domestic services, in the case of women.

Keywords: Displacement. Weddings. Freedom. Change.

1. “Supõe que já cruzamos pela vida, mas nos deixamos sempre para trás”:

*“Quis saber o que é... apetite do coração
Ai amor, miragem minha, minha linha do horizonte
É monte atrás de monte, é monte
A fonte nunca mais que seca, ai saudade ainda sou moço
Aquele poço não tem fundo, é um mundo e dentro é um mundo
E dentro é um mundo e dentro
É o mundo que me leva”*

Em fevereiro de 2012, comecei a ministrar aulas em cursos de graduação no interior do estado do Pará. Logo pude perceber que na maioria das turmas grande parte dos estudantes não residia na cidade em que o curso era ofertado. Assim, no período das aulas, muitos alunos saíam de suas cidades e se instalavam temporariamente no município onde assistiriam às aulas e, conseqüentemente, ficavam afastadas dos seus lares e dos seus respectivos cônjuges por várias semanas.

Inicialmente, o que chamou a minha atenção foi a logística envolvida nesta movimentação: procurar e alugar uma casa – geralmente compartilhada com vários colegas –, comprar mantimentos para o consumo no período de permanência, providenciar os eletrodomésticos considerados essenciais – alugados ou trazidos do município de origem –, organizar a divisão de tarefas domésticas entre os colegas que dividiriam a casa, trazer os objetos pessoais da casa de cada um ou uma etc.

Em seguida, comecei a atentar para algumas situações que passei a perceber no cotidiano de sala de aula, com frequência cada vez maior. Por exemplo, no momento da chamada, quando eu notava a ausência de alguém da turma, frequentemente ouvia alguns comentários como *“ele não pôde vir hoje, professora, porque teve que ir lá na cidade dele fiscalizar a patroa”* ou *“ela vai se atrasar, porque dormiu mal com as ligações do marido desconfiado durante a noite toda, eles ficaram brigando até quatro da manhã”*, ou então *“ele só vem à tarde, professora, porque tá de ressaca deste fim de semana, quis aproveitar e exagerou”*. Outra situação recorrente era perceber alguém brigando no celular ou chorando pelos banheiros e corredores da universidade ou entrando em sala com cara de choro, sendo estes últimos casos mais frequentes entre as mulheres. Por outro lado, nas situações em que os homens demonstravam uma expressão de tristeza e eu perguntava se estava tudo bem, por vezes algum colega respondia em um tom de voz mais baixo: *“ele deixou a mulher em casa e agora tá com medo de levar chifre”*.

Assim, comecei a observar que as dinâmicas de deslocamento vividas por essas pessoas influenciavam de variadas formas nos seus casamentos ou relacionamentos, e me interessei em pesquisar como esses processos se desdobravam. Assim, ao longo dos anos de 2012, 2013 e 2014 até o presente momento, realizei entrevistas com cerca de trezentas pessoas de mais de trinta municípios paraenses, tais como: Augusto Corrêa, Bragança, Cachoeira do Piriá, Capanema, Capitão Poço, Curuçá, Garrafão do Norte, Irituia, Mãe do Rio, Marapanim, Mirasselas, Nova Esperança do Piriá, Primavera, Salinópolis, Santa Luzia do Pará, Santa Maria do Pará, São João de Pirabas, São Miguel do Guamá e Viseu, no nordeste do estado; Castanhal, Colares, Concórdia do Pará, Santo Antônio do Tauá, São Caetano de Odivelas e Vigia, no norte do estado; Baião, Cametá, Igarapé-Miri, Mocajuba, Moju e Tucuruí, na região do Baixo Tocantins; Abel Figueiredo, Goianésia do Pará, Jacundá, Marabá, Rondon do Pará e Tailândia, no sul do estado. Os contatos que mantive neste estudo se deram com pessoas oriundas dessas diversas localidades, e que estavam estudando na cidade em que eu estava trabalhando

¹ O total de pessoas entrevistadas foi de 300, 206 mulheres e 94 homens. no momento, a saber: Baião, Capanema, Capitão Poço, Jacundá, Mocajuba e São Caetano de Odivelas.¹

2. “Te perdoo por fazeres mil perguntas”: procedimentos metodológicos

*“Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã”*

Em média, realizei de três a seis entrevistas, de cerca de duas horas de duração com cada pessoa. Na maioria dos casos, as entrevistas foram realizadas na própria universidade, e em ocasiões menos frequentes, ocorreram nas casas dos estudantes e/ou em bares, lanchonetes, restaurantes etc.

O critério “escolha” dos entrevistados é uma questão à parte. Inicialmente, eu observava as pessoas que pareciam enfrentar problemas desta natureza, procurava me aproximar de alguma forma e fazia o convite para participar da pesquisa – e nesta ocasião eu explicava brevemente os objetivos do estudo e assegurava-lhes o sigilo e a discrição quanto aos nomes e informações pessoais. Houve pouca rejeição ao convite, menos de dez. Geralmente eu iniciava as entrevistas com poucas pessoas de cada turma – cerca de duas ou três. Porém, logo em seguida esses alunos contavam para os colegas de sala, o que acabava por me render uma quantidade bem maior de pessoas para entrevistar, tanto aquelas que se interessavam pela pesquisa ou, talvez, de forma mais latente, aquelas que de algum modo se sentiam valorizadas por ter alguém interessado em ouvir as suas narrativas. Assim, em termos gerais, posso dizer que fui escolhida mais do que escolhi.

Considerando esta perspectiva de ouvinte e da valorização das narrativas, procurei atentar também para a veracidade dos depoimentos, formulando perguntas que permitissem identificar os possíveis deslizes, bem como fazer uma observação mais cuidadosa da linguagem corporal, conforme Oliveira (1996) e Velho (1978).

Cada entrevista iniciava com uma pergunta nos moldes de *“Muda algo no teu casamento quando estás aqui, longe de casa?”*, ao que as respostas discorriam em torno da mudança de rotina, da liberdade – no que tange tanto ao cotidiano da casa, principalmente os serviços domésticos e o cuidado com os filhos, cônjuge e outros parentes, quanto às possibilidades de saídas, passeios, horários mais livres das várias formas de expressar a saudade da família, principalmente dos filhos. Em seguida, eu buscava restringir as falas ao relacionamento do casal, com uma pergunta semelhante a *“Como é a rotina do teu casamento quando vocês estão juntos?”*, e direcionamentos variados, com o intuito de esboçar um breve histórico da relação, a fim de compreender alguns valores e concepções a partir das quais o casamento se manteve. A certa altura dos depoimentos, em geral quando a pessoa entrevistada começava a demonstrar tristeza, cansaço e/ou frustração, eu perguntava *“O que consideras problemático neste período em que estás fora de casa?”* e, por fim, *“E como lidas com essas mudanças?”*. Claro que nem sempre as perguntas eram realizadas na mesma entrevista, nem na mesma ordem, já que as narrativas tendem a não ser cronológicas ou estruturadas objetivamente, da mesma forma que as nossas percepções, sentimentos e emoções também não são (TELLES, 2005).

3. “Me dê notícia de você, me deu vontade de voltar”: perfil das pessoas entrevistadas

*“Me leve um pouco com você
Eu gosto de qualquer lugar
A gente pode se entender
E não saber o que falar”*

A maioria das pessoas entrevistadas reside nas zonas urbanas dos seus municípios, e apenas 20% residem nas zonas rurais. No universo desta pesquisa, mulheres e homens estão em proporção semelhante, porém, o que eu gostaria de destacar, na realidade, não são os cerca de 80% que as falas das mulheres ocupam neste estudo, mas sim o fato de que elas falaram mais do que eles, em relação à quantidade e ao tempo dos depoimentos. No geral, é possível afirmar que os homens falaram muito pouco, já que perfazem apenas 20% das falas, e também representam boa parte dos silêncios, das reticências, dos não ditos (CABRAL, 2008).

No entanto, a linguagem não falada nas entrevistas com homens, neste caso, expressa bem mais do que as porcentagens aqui indicadas. De forma semelhante, o maior percentual das falas das mulheres, ditas e não ditas, talvez tenha sido insuficiente para incluir a valorização atribuída à atenção e ao interesse que uma entrevista no sentido adotado neste estudo pode ter representado; e talvez o alento signifique poder falar sobre o assunto, desabafar e ter os seus relatos e sensações como alvos de interesse da pesquisa. Contudo, isso envolve várias questões correlatas, dentre as quais tratarei apenas de alguns marcadores de gênero – não que sejam menos relevantes nem dignas de atenção, mas tão somente pelo recorte temático e objetividade do texto.

Ademais, as pessoas entrevistadas, em sua maioria, pertencem às camadas populares. Com relação os homens, todos têm empregos regulares e/ou trabalham nas roças familiares e/ou comunitárias; já entre as mulheres, a maioria não tem emprego regular, embora todas tenham uma rotina intensa de serviços domésticos, como é comum, afora os trabalhos temporários, como venda de alimentos, colheita de pimenta do reino lavagens de roupa etc. A grande maioria tem de dois a quatro filhos.

4. “Enquanto ele dorme pesado eu rolo sozinha na esteira”: marcadores de gênero

*“Todo dia ele faz diferente, não sei se ele volta da rua
Não sei se me traz um presente, não sei se ele fica na sua
Talvez ele chegue sentido, quem sabe me cobre de beijos
Ou nem me desmancha o vestido, ou nem me adivinha os desejos”*

Nas falas das mulheres, eram muito presentes a preocupação e a saudade dos filhos – por outro lado, denotavam certa leveza por não vivenciar momentaneamente a sobrecarga no cuidado e atenção a eles, certo alívio pelo afastamento da rotina dos serviços domésticos e também expressões de alegria pela liberdade de entrar e sair de casa tanto em termos de horários quanto dos locais que frequentam, dos passeios etc.

Nos raros casos em que as mulheres não tinham filhos, era mais citada a saudade do marido, ainda que de forma tímida: “*Ab, morro de saudade dele, ainda mais à noite. É tão ruim dormir sozinha!*” ou “*Depois que a gente se acostuma, é difícil ficar longe*”. Mas esses casos representavam menos de 10% do total, sobretudo as que eram casadas há muito tempo – mais de vinte anos – e demonstravam felicidade quando se referiam ao cônjuge.

Para a maioria das mães, a maior dificuldade dos períodos longe de casa envolvia a saudade dos filhos, a preocupação com eles e o receio de como eles estariam sendo cuidados longe delas. Paradoxalmente, e talvez por isso mesmo com mais humanidade, este receio convivia ao lado de certa leveza pelo fato de que naqueles momentos elas estavam “de férias” da intensa rotina doméstica e dos cuidados e atenção para com os filhos. Mais uma vez, nota-se certa hesitação ao expressar esta complexidade de sensações, como se houvesse algo de desonroso em destoar da tão valorizada

dedicação presente nas representações do papel materno (LE GOFF; TRUONG, 2006).

Quanto à liberdade de entrar e sair de casa nas situações de deslocamento, para as mulheres, na minoria dos casos, representava o envolvimento com outra(s) pessoa(s). Na maior parte do tempo, representava a tranquilidade de lidar com menos cobranças, a despreocupação de poder fazer o que tinha vontade e, porque não, o prazer de se divertir com leveza, e também poder fruir da valorização que muitas vezes um assédio externo ao casamento pode representar. Afora as situações, não tão raras, que representou o único assédio que algumas mulheres vivenciaram no período, os únicos momentos em que se sentiram desejadas, valorizadas ou ainda melhores, na fala de uma delas: *“Há quantos anos eu não sentia aquele friozinho na barriga, aquele prazer até perverso de quando passa pela nossa cabeça fazer alguma besteira”*. Na próxima seção apresento algumas reflexões sobre o envolvimento com outra(s) pessoa(s), que não representa a maioria dos casos nas dinâmicas de deslocamento de mulheres.

Já nas falas dos homens, que representaram a menor parcela do total de pessoas entrevistadas – cerca de 20% –, embora aparecesse também a satisfação pela liberdade e o incômodo pela vigilância exercida pela esposa por meio do celular, destacava-se, de forma exacerbada, o medo de ser traído.

A liberdade dos homens, a despeito de certa semelhança em relação a das mulheres, remete-se, de forma mais aproximada, à noção de perturbação – conforme abordei em outros trabalhos (ALENCAR, 2011, 2012, 2013) –, que costuma envolver, em sua concepção, cobranças que o homem “sofre” da sua ou das suas mulheres. Tal perturbação tende a amenizar nas dinâmicas de deslocamento, desde que os homens se comportem de forma a não lançar suas mulheres à pantanosa zona da desconfiança, que comumente levam a discussões enfáticas e frequentes pelo celular, ambos com a voz elevada etc. Na fala de um entrevistado:

Eu já aprendi, professora. Desde uma vez em que marquei, quando desliguei o celular e deixei pra lá, e a minha mulher pegou a moto e veio bater na cidade em que eu tava, no bar, bebido e com uma menina de dezenove anos no colo. Agora não marco mais. Sempre atendo o celular, mesmo que esteja no motel com outra.

Mas, por maior que fosse o desagrado em relação à perturbação, nada se comparava ao medo de ser traído. A descoberta da traição pela “vítima” ou por quem a cerca, figura quase como uma tragédia supressiva do que se compreende como o brio do homem. Na maioria das localidades, deixar a mulher em casa ou deixá-la sair para estudar em outra cidade equivalia praticamente à certeza da traição – percepção manifestada de forma mais acentuada entre os entrevistados na região do Baixo Tocantins.

Já nos relatos das mulheres, quase não foi citada essa possibilidade, e nas poucas vezes que foi mencionada, costumava vir acompanhada de certas expressões de resignação (HEILBORN, 1999). Esta resignação não aparecia nas falas de homens – à exceção dos entrevistados residentes no Baixo Tocantins, que não mostravam exatamente complacência, mas também não deixavam de levar esta possibilidade a sério. Ao contrário, quanto tocava neste assunto durante as entrevistas, era o momento que provocava maior expressão de violência – e não menos surpreendente – de maior tristeza, expresso com mais veemência entre os entrevistados do sul e do nordeste do estado do Pará.

4.1. “Te perdoo por contares minhas horas”: saídas noturnas e envolvimento com outras pessoas

*“Te perdoo
 Quando anseio pelo instante de sair
 E rodar exuberante
 E me perder de ti
 Te perdôo
 Por queres me ver
 Aprendendo a mentir”*

Talvez seja nas saídas noturnas e nos envolvimento(s) com outra(s) pessoa(s) que a complexidade dos marcadores de gênero apareça de forma mais latente. Os envolvimento(s) extraconjugais tendiam a ser distrações para os homens, uma forma de aproveitar a liberdade – considerada como um bem raro, e não deveria ser desperdiçada, sendo passível de chegar a situações que, mesmo para um olhar superficial, poderiam parecer extremas, tal como figura no relato de um dos entrevistados:

É isso mesmo. Aqui, quando a gente sai, não dá pra perder a chance de ficar com alguém. Sei lá quando vou poder fazer isso de novo? Quando voltar pra minha cidade, não posso fazer nada nem sequer nos locais perto. Então fico mesmo. Já aconteceu, em fim de festa, aquela amiga da menina que o meu amigo tá ficando, que é [...] pode até não ser bonita, mas não posso dizer não.

Contudo, essas fugas ou quebras de fidelidade não deveriam representar uma ameaça concreta ao casamento. Não que todos os entrevistados – nem mesmo a maioria – tenham afirmado tamanho controle, mesmo os que confessaram sentir certa insegurança, certa inclinação, certo questionamento da sua relação, demonstraram desaprovação a esses comportamentos, não sem pesar perceptível. Entretanto, as mulheres, embora demonstrassem partilhar esses mesmos sentimentos, também demonstraram maior abertura e maior disposição de vivenciar esses envolvimento(s), inclusive com a possibilidade de rompimento dos casamentos.

Dentre as mulheres que viveram envolvimento(s) com outra(s) pessoa(s), a maior parte iniciou essas experiências apenas com a intenção de curtir, mas a maioria das relações extraconjugais ganhou força e, de alguma forma, saiu do controle inicial. Havia uma tendência a comparar a nova relação com o casamento, apesar de alguns fatores, e de se arriscar e cogitar a possibilidade de “troca”. Ainda assim, de fato, poucas efetivaram a “troca”.

As entrevistadas e os entrevistados que vivenciaram a perspectiva de descontinuidade nos seus casamentos, mesmo permanecendo casados, em geral, meses depois tinham opiniões distintas acerca desta experiência. Os homens deixavam transparecer certo saudosismo, mas enfatizavam, com firmeza, que fizeram o que deveria ser feito. As mulheres demonstravam um sofrimento maior, e uma dúvida maior ainda sobre a decisão de permanecer no casamento. Mas é preciso registrar a minha incerteza quanto à expressão destes sentimentos, talvez manifestos de forma mais nítida pelas mulheres, que, ao conceder entrevista a outra mulher, talvez se sentissem mais acolhidas, pela identificação de gênero.

5. “É o mundo que me leva”: concluindo alguns desdobramentos das dinâmicas de deslocamento

*“Quis chegar até o limite de uma paixão
 Baldear o oceano com a minha mão
 Encontrar o sal da vida e a solidão
 Esgotar o apetite, todo o apetite do coração
 Mas voltou a saudade
 É pra ficar, aí eu encarei de frente
 Aí eu encarei de frente, menina
 Se eu ficar na saudade, é ‘deixa estar’
 Saudade engole a gente, saudade engole a gente menina”*

No decorrer das entrevistas observei que os problemas enfrentados nas dinâmicas de deslocamento envolvem questões de ciúme e desconfiança, em geral preexistentes nos casamentos, potencializadas pela liberdade vivida com os distanciamentos, como citado anteriormente.

Por outro lado, um pequeno grupo de entrevistados, menos de 10%, não teve problemas com as dinâmicas de deslocamento. Ao contrário, observaram que a distância acentuava a saudade e a valorização do casamento. Em sua maioria, esses casos raros eram vividos por pessoas que tinham mais de vinte anos de relacionamento.

Outro pequeno grupo – este composto por pessoas mais jovens – vivenciou mudanças e melhorias na relação, a partir das dinâmicas de deslocamento. São casos em que a distância trouxe à tona problemas que – não sem esforço, dificuldade e sofrimento – foram trabalhados pelo casal e apontados como um passo significativo na felicidade de ambos os cônjuges.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Audrei Vieira de. *Aquela esperança de tudo se ajeitar*: continuidades e discontinuidades nos casamentos. 2012. 143f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

_____. Como se eu sonhasse o sonho de outro dono: dificuldades e desafios sobre conjugalidades. *Gênero na Amazônia*, Belém. n. 3, p. 131-142, jan./jun. 2013.

_____. Representações de masculinidade em oposição às representações de feminilidade: alguns desdobramentos do modelo patriarcal numa capital amazônica. *Revista Sociais e Humanas*, v. 25. n. 1, p. 54-74, jan./jun. 2011.

CABRAL, João de Pina. Sem palavras: etnografia, hegemonia e quantificação. *Mana*, v. 14, n.1, p. 61-86, 2008.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; Zahar, 1999. p. 40-59.

LE GOFF, Jaques; TRUONG, Nicolas. *História de um esquecimento: uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

TELLES, Norma. Emoções. In: BERNARDO, Teresinha; RESENDE, Paulo-Edgar Almeida (Orgs.). *Ciências sociais na atualidade: movimentos*. São Paulo: Paulus, 2005.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.